

Pós-graduação e pesquisa em design

Anamaria de Moraes, D.Sc

Palavras-chave: Pesquisa em design; linhas de pesquisa; pós-graduação em design

Abstract

Este trabalho trata das dificuldades de se implementarem mestrados e doutorados em design, citando como exemplo o caso do Brasil. Apresentam-se as normas e exigências para estabelecer um Programa de Pós-Graduação "stricto sensu". Enfatiza-se a questão das linhas de pesquisa e, principalmente da falta de pesquisas entre os designers, sempre com o argumento que o design é diferente – o importante é projetar em vez de pesquisar. Explicita-se o fato com as dificuldades que ocorrem, até hoje, de consolidar linhas de pesquisa na PUC-Rio, onde professores ainda trabalham com temáticas que implicam objetos, assim como métodos díspares. Como demonstração citam-se as dissertações defendidas em cada linha de pesquisa e seus respectivos orientadores.

Introdução

Várias questões podem ser abordadas ao se mencionar o mestrado e o doutorado em Design. Qual a razão de serem tão poucos, no mundo, em Portugal e no Brasil? No Brasil, o único curso de Mestrado em Design é o das PUC-Rio, que se iniciou em 1994 e, até agora, nem um outro se apresentou. No momento, a proposta de Doutorado da PUC-Rio está sendo avaliada pela CAPES, de novo estamos sozinhos.

No Porto, tem-se na FEUP - Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto -, um mestrado em Design Industrial – MDI -, sob a direção do Prof. Antônio Torres Marques, em parceria com a Escola Superior de Artes e Design de Matosinhos.

Outro problema que sempre se levanta: o que é a pós-graduação em Design? Muitos a consideram como a oportunidade de realizar mais um projeto – assim ela seria a maneira de corrigir uma graduação deficiente.

Mais uma pergunta se coloca: o que afinal é pesquisar design? Fazer levantamento de dados para desenvolver um produto? Maior é a complexidade quando se indaga o que é linha de pesquisa em Design? Cabe arte, comunicação, ecologia, ergonomia, materiais? O que define e como definir que linhas de pesquisa deve ter um mestrado/doutorado em Design.

Como coordenadora da pós-graduação em Design da PUC-Rio, desde 1998, e professora pós-graduada, Doutora em Comunicação, desde 1992, muito debati sobre estes pontos. Na UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro -, onde iniciamos, em 1990, a tentativa de pensar um mestrado em design. Até agora o mestrado não começou – continuam as discussões...

Vrispin Hales [1] (Design Research Newsletter, May 1999) confirma nossas preocupações ao afirmar:

“Why hasn’t an increasingly successful academic brand of Design research had any significant impact on the efforts of practising designers to avoid product faults? Well, it is certainly true that there is a gulf between that majority of designers dedicated to practice and the minority of designers academic involved in Design research (...) Those designers 100% committed to their practice, and not particularly in any doubt about the profitability and efficacy of what they do, this is of little interest. Most feel that they can learn what they need to by looking at the end product of their competitors’ efforts, visiting trade exhibitions...”

Como se pode observar pela citação acima, a questão da pesquisa em design e da distância entre os designers da academia e os profissionais não é um problema apenas brasileiro – será também em Portugal? – mas é uma questão que merece ser aprofundada em qualquer lugar onde se faz design e se pesquisa sobre design.

As respostas a essas e outras perguntas definem os rumos da pós-graduação em Design, o que e como pesquisar.

O que é preciso, no Brasil

As regras da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - definem as exigências para implementação de mestrados e doutorados no país. Mais ainda, cabe a esta instituição avaliar o desempenho dos cursos existentes, emitindo pareceres de três em três anos com notas que variam de 1 a 7. Os mestrados e doutorados cotados com 1, são aconselhados a encerrarem suas atividades. Os que tiram 2 ficam de quarentena. A nota 3 é o mínimo para ser considerado um mestrado de âmbito nacional (até o momento este foi o resultado da PUC-Rio. As notas 4 e 5, principalmente só para os bons e excelentes. Sendo que o 6 e o 7 é só para os Programas que possuem também doutorado.

Em primeiro lugar, para se dar início a um Programa de Pós Graduação "strictu sensu" – mestrado e/ou doutorado – tem-se como exigência primacial considerar o número de doutores determinado pela Capes – todos eles contratados pelo menos há 9 meses,, com dedicação de 30 ou 40 horas ao curso – incluindo horas para pesquisa. Isto para evitar que se contratem doutores só para apresentar a proposta e que pertençam, verdadeiramente ao corpo docente da Universidade.

- para o *Mestrado Profissional* – "MBA" - são necessários, no mínimo, 4 Doutores, com pelo menos dois anos de titulação, comprovando-se a pertinência das especialidades do corpo docente (titulação e produção intelectual), com o tema do curso;

- para o *Mestrado Acadêmico* são necessários, no mínimo, 5 Doutores, com pelo menos dois anos de titulação, comprovando-se a pertinência das especialidades do corpo docente (titulação e produção intelectual), com o tema do curso;

- para *Doutorado novo, com Mestrado já reconhecido*, são necessários, no mínimo 6 Doutores, com pelo menos quatro anos de titulação e com no mínimo duas dissertações de mestrado ou uma tese de doutorado orientadas e defendidas, comprovando-se a pertinência das especialidades do corpo docente (titulação e produção intelectual), com o tema do curso;

- para *programa novo com Mestrado e Doutorado* são necessários, no mínimo 6 Doutores, com pelo menos quatro anos de titulação e com no mínimo duas dissertações de mestrado ou uma tese de doutorado orientadas e defendidas e mais 2 doutores, com pelo menos 2 anos de titulação – totalizando 8 doutores -, comprovando-se a pertinência das especialidades do corpo docente (titulação e produção intelectual), com o tema do curso;

Cabe, também, mencionar outras exigências da CAPES, que inclusive determinam a pontuação na avaliação dos cursos de pós-graduação:

Linhas de pesquisa claramente definidas e coerentemente organizadas de acordo com a temática do curso, estando os projetos de pesquisa articulados às mesmas. As Linhas devem responder às temáticas da(s) Área(s) de Concentração.

Estrutura Curricular claramente definida (creditação, seqüência de disciplinas, flexibilização, exames de qualificação – se propostos -, requisitos para defesa de dissertação e/ou tese) e articulada à(s) Área(s) de Concentração e com a qualificação docente. A bibliografia deve contemplar as questões essenciais das matérias, além de ser atualizada.

Laboratórios apropriados às especificidades das Linhas de Pesquisa e da(s) Área(s) de Concentração.

Biblioteca ou acervo bibliográfico constituído de pelo menos 3000 títulos em livros atuais e assinaturas de no mínimo três periódicos sobre temas gerais de Design e mais 3 periódicos em assinatura corrente sobre temas específicos por área de concentração.

Recursos de Informática compatíveis com as necessidades do curso proposto, com a dimensão do corpo docente permanente e do corpo discente e com o desenvolvimento das Pesquisas do Programa.

No caso de Doutorado, com Mestrado em funcionamento, demonstrar a articulação e/ou diferenciação entre os níveis de formação.

Corpo Docente com massa crítica permanente, mostrando capacidade de garantir a continuidade institucional da proposta.

Participação de Professores Visitantes e conferencistas, não significando dependência destes para o funcionamento dos cursos. O que justifica plenamente o intercâmbio de doutores do Brasil e de Portugal, através de um convênio luso-brasileiro.

Intercâmbios nacionais e internacionais com outros programas de pós-graduação e/ou centros ou grupos de pesquisa. Mais uma vez, ressalta-se a pertinência de um convênio que propicie trocas entre pesquisadores do Brasil e de Portugal.

Cumpra ainda mencionar a produção acadêmica coerente com a linhas de pesquisa dos professores, assim como o prazo das dissertações defendidas – 24 meses.

As linhas de pesquisa

Este um dos principais óbices para a implementação, reconhecimento e boa conceituação de cursos de mestrado. Existem doutores que não têm linha de pesquisa, enquanto alguns mestres já começaram a desenvolver a sua. Não se inventa uma linha de pesquisa. Ela é construída a partir de uma

dissertação, deve ter continuidade com a tese de doutorado, consolida-se através de projetos de pesquisa, com ou sem bolsistas PIBIC, que resultam em trabalhos publicados. Implica uma produção científica coerente em torno de uma temática e de diferentes recortes de problemas. Explicita-se na divulgação dos resultados das pesquisas em publicações com Conselho Editorial e apresentação em Congressos Científicos, no Brasil e no Exterior. Linhas de pesquisa consolidadas, com produção acadêmica consistente, se organizam em Áreas de Concentração.

Conforme consta nos documentos da CAPES: "Entende-se por Área de Concentração o campo específico do conhecimento que constitui a referência central dos estudos e pesquisas desenvolvidos no Programa. Intitulam-se eixos temáticos os recortes efetuados no âmbito da Área de Concentração, de acordo com as tendências intelectuais e de investigação dominantes no Programa. Designam-se como Linhas de Pesquisa as subáreas especializadas, os domínios ou núcleos temáticos de interesse sistemático do Programa; que se caracterizam pelo *desenvolvimento de trabalhos com objetos ou metodologias comuns de pesquisa*. Constituem constelações de objetos específicos, efetivamente investigados a partir de projetos e trabalhos coordenados por professores do departamento e que, desenvolvem atividades com alunos bolsistas de IC (Iniciação Científica) e AP (Aperfeiçoamento Científico)".

As linhas de pesquisa do mestrado da PUC-Rio

Com o objetivo de explicitar a dificuldade da CAPES na implantação das Linhas de Pesquisa e do período de 24 meses para a conclusão do mestrado, usar-se-á como exemplo o caso da PUC-Rio. Cumpre observar que as duas exigências, Linhas de Pesquisa coerentes, consistentes e consolidadas e 24 meses para a conclusão do mestrado, estão estreitamente imbricadas. Só o orientador que desenvolve e pesquisa dentro de um tema de seu interesse e competência é capaz de orientar com presteza, segurança e eficiência teses e dissertações da sua Linha de Pesquisa – possui literatura atualizada, freqüente congressos da área, onde sempre obtém informações novas, sabe das pesquisas em andamento, pertence a sociedades científicas que estão sempre na vanguarda dos temas investigados.

Design: Comunicação, Cultura e Artes

A Linha de Pesquisa Design: Comunicação, Cultura e Artes está voltada para a reflexão crítica sobre objetos e linguagens gerados por meios tecnológicos e artísticos. Compreende a materialidade e a visualidade em seus aspectos semióticos e estéticos, educacionais, históricos, sociológicos, morfológicos e do campo da subjetividade. Enfatiza a interdisciplinaridade como fundamento da práxis do Design.

Privilegia as investigações no campo da comunicação e das artes na perspectiva do design, implicando não só a abordagem teórico-prática, mas, o estudo da cultura na qual se integram, a verificação das formas e de seus

métodos de aquisição e também do meio ambiente onde se instauram.

Trata o design como linguagem que funciona, no processo de comunicação, como emissor, cuja enunciação se compõe de relações ontológicas, históricas, atributos simbólicos, materiais, técnicos etc., e revela um caráter dinâmico como participante da (re)construção permanente das visões do mundo. Trata da comunicação aplicada à criação, produção e veiculação da mídia visual, bem como os diferentes discursos assumidos nas suas diversas manifestações, enquanto agentes transformadores do meio social e ao mesmo tempo reflexo da organização. Trata da leitura dos artefatos em geral como ponto de partida para as questões da representação.

Professores: Alberto Cipiniuk, Denise B. Portinari, Gustavo Amarante Bomfim, Luís Antonio L. Coelho, Rafael Cardoso Denis e Vera Lúcia Moreira dos Santos Nojima

São as seguintes as teses defendidas nesta linha, subdivididas por assuntos:

* História do Design

- Cinco décadas de litografia comercial no Recife: por uma história das marcas de cigarros registradas na junta comercial de Pernambuco - 1875 – 1924 (Edna Lucia C. Lima) – Orientador: Luís Antônio Luzio Coelho; LP: Design: Comunicação, Cultura e Artes

- Gênese do campo do design no Brasil (José Carlos B. Teixeira) - Orientador: Alberto Cipiniuk; LP: Design: Comunicação, Cultura e Artes

* Comunicação

Infografia: o design da notícia (Ary Moraes) - Orientador: Alberto Cipiniuk; LP: Design: Comunicação, Cultura e Artes

O cartaz: um estudo de casos de campanhas de prevenção da sífilis e da AIDS (Keila G. Cavalcanti) – Orientador: Vera Lúcia Nojima; LP: Design: Comunicação, Cultura e Artes

Por baixo da roupa de baixo: um estudo da mulher pela publicidade (Simone de C. de Formiga Xavier) – Orientador: Luís Antônio Luzio Coelho; LP: Design: Comunicação, Cultura e Artes

A tele-visão coletiva da história, possível usina para uma linguagem gráfica e simbólica (Cristine Nogueira) – Orientador: Rita Couto; LP: Design: Tecnologia, Educação e Sociedade

A fotografia em questão: pela fotografia no terceiro grau, como um campo de conhecimento autônomo (Ruth Lifschits) – Orientador: Anamária de Moraes; LP: Design: Ergonomia e Usabilidade e Interação Homem-Computador

Como se pode observar existem duas teses que foram orientadas por professores de outras Linhas de Pesquisa: Rita Couto (Design: Tecnologia, Educação e Sociedade) e Anamária de Moraes

(Design, Ergonomia e Usabilidade e Interação Homem-Computador). Mais ainda, a contribuição da Professora Anamaria, especialista em ergonomia e coordenadora de um Laboratório de Pesquisa e de uma Linha de Pesquisa sobre o tema, certamente considerou os aspectos metodológicos, estruturais, de forma, da dissertação de Ruth Lifschits. Obviamente, e as questões relacionadas ao conteúdo - fotografia - não foram orientadas com a mesma profundidade.

* Livro/Ilustração

O significado das ilustrações nos livros didáticos para o ensino fundamental (Márcia Ponce de Leon) Orientador: Vera Lúcia Nojima; LP: Design: Comunicação, Cultura e Artes

Por um estudo do significado da ilustração no livro infantil brasileiro (Ana Paula Zarur de A Silva) – Orientador: Luís Antônio Luzio Coelho; LP: Design: Comunicação, Cultura e Artes

O design gráfico do livro infantil brasileiro à década de 70 - Ziraldo, Gian Calvi, Eliardo (Maria da Graça M. Lima) – Orientador: Luís Antônio Luzio Coelho; LP: Design: Comunicação, Cultura e Artes

O sedutor design do livro de história infantil e sua relação com a narratividade (Nilton G. Junior) - Orientador: Alberto Cipiniuk; LP: Design: Comunicação, Cultura e Artes

O papel da ilustração na sedução do leitor ou a ilustração como *theoria* (Sandra M. V. Gomes) – Orientador: Gustavo Amarante Bomfim; LP: Design: Comunicação, Cultura e Artes

* Moda

O cenário da moda *prêt-à-porter* no Brasil, do pós-guerra aos anos 50: produção de vestimentas femininas (Ana Paula L. Carvalho) – Orientador: Denise Portinari; LP: Design: Comunicação, Cultura e Artes

Desfile em processo: um estudo do processo de produção de alegorias e fantasias para os desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro (Luciana Barbosa) – Orientador: Denise Portinari; LP: Design: Comunicação, Cultura e Artes

* Arte

Malha perceptiva (Roberto Eppinghaus) - Alberto Cipiniuk; LP: Design: Comunicação, Cultura e Artes

Escultura interativa (Sheila Dain) – Orientador: José Luiz Mendes Ripper; LP: Design: Tecnologia, Educação e Sociedade

Estrela de oito pontas: a reconstrução do espaço em Fernando Diniz (Maria Cláudia B. Gomes) – Orientador: Rita Couto; LP: Design: Tecnologia, Educação e Sociedade

Mais uma vez, aparecem duas dissertações orientadas por professores pertencentes à outra linha de pesquisa (Design: Tecnologia, Educação e Sociedade): José Luiz Mendes Ripper e Rita Couto. Cabe ainda ressaltar que nessa Linha de Pesquisa – Design: Comunicação, Cultura e Artes - existem professores que orientam, simultaneamente, sobre história, arte, comunicação, ilustração, expressando, provavelmente, amplos saberes ou apontando, talvez, temáticas ainda não consolidadas.

Design: Ergonomia e Usabilidade e Interação Homem-Computador

A usabilidade como problema implica o aprendizado de novas metodologias e a ênfase na comunicação humana com os sistemas tecnológicos, a partir da análise das atividades das tarefas envolvidas nas interações com produtos; programas informatizados; com a informação sobre suportes não computadorizados; com o ambiente espacial.

Tal questão é particularmente instigante por suas aplicações na avaliação de: sistemas de sinalização, documentos e manuais, avisos e advertências visuais (interface com a comunicação visual); na verificação da segurança e conforto dos usuários e trabalhadores e na defesa dos consumidores (interface com o projeto de produtos e de estações de trabalho); no estudo da navegabilidade da interação homem-computador (facilitação de realização de tarefas computadorizadas, otimização do diálogo); das interações do homem com o ambiente urbano e interno, público e privado.

Cumprido ressaltar que ao se mencionar usuário, operador, manutenedor e consumidor consideram-se as diversidades e diferenças individuais, culturais, instrucionais, incluindo aqueles usuários com características e necessidades especiais, como, por exemplo, os idosos e outros deficientes, no ambiente laboral, educacional, doméstico, social e de lazer.

Professora: Anamaria de Moraes

São as seguintes as teses defendidas nesta linha, subdivididas por assuntos:

* Metodologia ergonômica

rgodesign, metodologia ergonômica, "designing" para o uso humano (Bianca C. Frisoni) – Orientador: Anamaria de Moraes; LP: Design: Ergonomia e Usabilidade e Interação Homem-Computador

A aplicação de dados antropométricos em projetos de design: como projetar corretamente produtos ergonômicos (Maria Manuela R. Quaresma) – Orientador: Anamaria de Moraes; LP: Design: Ergonomia e Usabilidade e Interação Homem-Computador

*Ergonomia e usabilidade do produto

Cinto de segurança – uma questão de ergodesign (José Abramovitz) – Orientador: Anamaria de Moraes; LP: Design: Ergonomia e Usabilidade e Interação Homem-Computador

Ergonomia, design e conforto no calçado feminino (Valéria Alvim) – Orientador: Anamaria de Moraes; LP: Design: Ergonomia e Usabilidade e Interação Homem-Computador

* Ergonomia e usabilidade de interfaces e da interação homem-computador

Avaliação ergonômica de sistemas de navegação em hipertextos fechados (Stephania Padovani) – Orientador: Anamaria de Moraes; LP: Design: Ergonomia e Usabilidade e Interação Homem-Computador

Ergonomização da interação homem-computador: abordagem heurística para avaliação da usabilidade de interfaces (Robson L. G. Santos) – Orientador: Anamaria de Moraes; LP: Design: Ergonomia e Usabilidade e Interação Homem-Computador

Estudo ergonômico de ambientes instrucionais de educação à distância na internet (Isnard Martins) – Orientador: Anamaria de Moraes; LP: Design: Ergonomia e Usabilidade e Interação Homem-Computador

Uma investigação sobre o conceito do virtual (Carlos de Azambuja Rodrigues) – Orientador: Anamaria de Moraes; LP: Design: Ergonomia e Usabilidade e Interação Homem-Computador

* Ergonomia e usabilidade de sistemas e processos

Ergonomia, constrangimentos posturais; o caso do cirurgião eletivo em geral (Raimundo L. Diniz) – Orientador: Anamaria de Moraes; LP: Design: Ergonomia e Usabilidade e Interação Homem-Computador

Ergonomização na construção civil: constrangimentos posturais e problemas na segurança do trabalho (Mario Luiz Valiati) – Orientador: Anamaria de Moraes; LP: Design: Ergonomia e Usabilidade e Interação Homem-Computador

Análise ergonômica dos processos informatizados introduzidos na estamperia da indústria têxtil: um estudo de caso em indústrias do sudeste brasileiro (Liana D. de S. Mendes) – Orientador: Anamaria de Moraes; LP: Design: Ergonomia e Usabilidade e Interação Homem-Computador

* Ergonomia e usabilidade do espaço construído

Dificuldades encontradas no projeto das vias públicas de pedestres, no espaço urbano da cidade de Alfenas: uma análise ergonômica (Olavo Fontes M. Bessa) – Orientador:

Anamaria de Moraes; LP: Design: Ergonomia e Usabilidade e Interação Homem-Computador

Embora a Linha de Pesquisa apresente objetos variados – projeto de produto, sistemas e processos, informação sobre suportes tradicionais, ergonomia de programas, ergonomia do ambiente construído – em todos eles está presente a questão da usabilidade e da metodologia ergonômica. Tem-se como foco a análise das atividades da tarefa em situação real, com ênfase nos aspectos humanos dos Sistemas Humano-Tarefa-Tecnologia, tendo como objetivo principal o conforto, a segurança, o bem-estar e o prazer dos usuários.

Design: Tecnologia, Educação e Sociedade

Compreende estudos relativos ao papel da tecnologia e da educação nos âmbitos acadêmico, organizacional, laboral, social e ambiental. Engloba a teoria e a prática no desenvolvimento de objetos e sistemas de informação. Contempla as tecnologias acessíveis e integradas ao meio ambiente e a tecnologia computacional e seus impactos na sociedade.

Dedica-se a: estudos relativos a questões de ensino, currículo, formação docente e interdisciplinaridade em Design; questões sócio-culturais relacionadas ao desenvolvimento e popularização de tecnologias computacionais, e ao estudo do potencial do uso de computadores e redes computacionais para a comunicação e expressão humana.

Professores: Alfredo Jefferson, José Luiz Mendes Ripper, Rejane Spitz e Rita Maria de Souza Couto.

São as seguintes as teses defendidas nesta linha, subdivididas por assuntos:

* Tecnologia assistiva

Estruturas transformadas de bambu aplicadas em instalações rurais (Leônidas Augusto) – Orientador: José Luiz Mendes Ripper; LP: Design: Tecnologia, Educação e Sociedade

Construção de casa e pensamento com terra e bambu - utilizando a pesquisa e produção material de um processo construtivo com materiais naturais para fins educacionais (Carlos André L. Cortês) – Orientador: José Luiz Mendes Ripper; LP: Design: Tecnologia, Educação e Sociedade

Tecnologia apropriada: desenvolvimento do objeto (Renata M. E. Araújo) – Orientador: José Luiz Mendes Ripper; LP: Design: Tecnologia, Educação e Sociedade

Naturalmente acessíveis: materiais naturais e tecnologias acessíveis no desenvolvimento de objetos auxiliares para portadores de dificuldades motoras (Adriana F. de Souza) – Orientador: José Luiz Mendes Ripper; LP: Design: Tecnologia, Educação e Sociedade

O reaproveitamento criativo de materiais na construção de objetos como uma atividade artesanal e engajada (Jacqueline P. Carrara) – Orientador: Rita Couto; LP: Design: Tecnologia, Educação e Sociedade

Design e ambiente: uma reflexão sobre a materialidade do consumo (Arlindo Antonio Stephan) – Orientador: José Luiz Mendes Ripper; LP: Design: Tecnologia, Educação e Sociedade

Como se pode observar há uma dissertação orientada pela professora Rita Couto, de autoria de Jacqueline Carrara, que foge à temática de seu interesse que é a pedagogia do design.

* Computador/ tecnologia/www

Processos criativos e tecnologia - desenhando no computador: uma experiência prazerosa (Vanda B. M. Barreto) – Orientador: Luís Antônio Luzio Coelho; LP: Design: Comunicação, Cultura e Artes

O impacto da informatização no design gráfico: novas tendências dos objetos gráficos a partir da introdução do computador (Suzana V. Fonseca) – Orientador: Rejane Spitz; LP: Design: Tecnologia, Educação e Sociedade

World wide web: um novo campo de atuação do designer (Viviane Zambelli) – Orientador: Rejane Spitz; LP: Design: Tecnologia, Educação e Sociedade

Redesignando a www; o papel do design na democratização da world wide web (Mauro P. Rodrigues) – Orientador: Rejane Spitz; LP: Design: Tecnologia, Educação e Sociedade

Cabe mencionar que o Professor Luís Antônio não se inclui nesta Linha de Pesquisa e orientou a dissertação de Wanda B. M. Barreto.

* Educação

Contribuição do design ao uso de tecnologia computacional na educação (José Ricardo Cereja) – Orientador: Rejane Spitz; LP: Design, Tecnologia, Educação e Sociedade

Avaliação de software para a área de geometria sob o ponto de vista do design (Clarinda Machado) – Orientador: Rita Couto; LP: Design: Tecnologia, Educação e Sociedade

Iniciação universitária em design: experiência de implantação de um programa (Ana Paula B. Costa) – Orientador: Rita Couto; LP: Design: Tecnologia, Educação e Sociedade

Proposta pedagógica para ensino de projeto em design: um estudo de caso (Izabel Maria de Oliveira) – Orientador: Rita Couto; LP: Design: Tecnologia, Educação e Sociedade

Deve-se mencionar que pedagogia é o tema preferencial da Prof. Rita Couto. A dissertação orientada pela Prof. Rejane apresenta-se na interface computador/tecnologia/educação.

Parte da dificuldade em estabelecer as Linhas de Pesquisa deve-se a pouca pesquisa na área de design. Deve-se acrescentar que a produção acadêmica que seria o meio de divulgar e fortalecer as linhas, também deixa a desejar. Data de 1993, a Revista Estudos em Design, primeiro periódico acadêmico com um corpo de “referees”, que até hoje sofre a falta de artigos para fechar cada um dos três números anuais. Como corolário, tem-se que os alunos da graduação de design, que em sua maioria não estudam metodologia de pesquisa e se formam sobre a égide do “design se faz fazendo”, “quem sabe faz, quem não sabe ensina” e são estimulados a pensar que a atividade acadêmica é perda de tempo na universidade e incentivados a julgar que o principal papel do Curso de Design é ensinar desenvolvimento de projeto para formar profissionais para o mercado. Logo, ao pensar em estudos pós-graduados tendem a confundir desenvolvimento de projeto com desenvolvimento de pesquisa. Acrescente-se que sentem muita dificuldade em participar numa Linha de Pesquisa em andamento, considerando sua dissertação como parte de um trabalho que objetiva ampliar e aprofundar temáticas, metodologias, pontos inexplorados por dissertações já defendidas.

O medo da pesquisa

O que impede a pesquisa entre os designers? Existe por um lado uma esquizofrenia óbvia, já que participamos de algo que é sem nunca ter sido. Aprendemos a projetar fantásticos produtos, mesmo sabendo que os escritórios de desenvolvimento de produtos estão nas sedes das multinacionais. O mesmo ocorre com a imagem das grandes empresas. Talvez a sensação do impossível já comece aí. Buscamos como exemplos o design da Braun, da Philips, de Philip Stark e temos que nos contentar com o display ou com alguns equipamentos urbanos, quando os arquitetos deixam. A dificuldade de pensar o real, talvez dificulte no momento de recortar temas, definir problemas, formular hipóteses de pesquisa.

Segundo Cervo & Bervian [2], Lakatos [3], caracteriza-se, a pesquisa: como um processo formal e sistemático; que busca repostas e soluções; partir de dúvidas e/ou problemas; através do método científico - instrumentos e procedimentos de levantamento e tratamento de dados; que se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais.

Uma das dificuldades de difundir a atividade de pesquisa entre os designers é a insegurança em relação ao “método científico”, visto como algo muito complicado. Na verdade, parte da dificuldade se inicia no recorte do problema – a grande maioria quer resolver na sua primeira pesquisa sistemática todos os problemas de design, a partir de todos os enfoques possíveis. Existem ainda os que afirmam que não cabe definir problemas ao começar a pesquisa – “eles surgem naturalmente à medida que se desenvolve o trabalho”. Outros fixam-se na metodologia de

projetos e estão preocupados com a geração de alternativas e com o desenvolvimento de projetos.

Segundo Chapanis [4], "(...) O pesquisador maduro aprendeu o que funciona e o que não funciona a partir de várias tentativas em que verificou o que dava certo. É muito difícil substituir esta espécie de experienciamento. Esta é uma das razões porque estudantes despendem tanto tempo para conseguir a sensibilidade para a "ciência" em exercícios de laboratório e porque as dissertações e teses são importantes requisitos para a obtenção dos graus de mestre e doutor." Cabe acrescentar: e porque mestres e doutores são tão importantes para que se desenvolvam pesquisas.

Conforme Cardoso [5] tem-se que a ciência é histórica e portanto falível: não pretende acumular verdades eternas, imutáveis e absolutas, mas tende a um conhecimento completo, pela acumulação de verdades parciais, de aproximações sucessivamente mais abrangentes - isto é, passa de estados de menor conhecimento a outros de conhecimento mais avançado.

Recortes bem delimitados, problemas bem explicitados, pés no chão. Certeza de que não ganharemos o prêmio Nobel. Humildade. Felicidade por contribuirmos um pouco para nos conhecermos e para o nosso reconhecimento. Iniciar, continuar, pesquisas começam, geram novas pesquisas, prosseguir, sabendo mais um pouco e sabendo que só deste modo se constroi o conhecimento quanto. Pesquisa é método, é criatividade, é design. Crescemos com ela. Cada dia é um novo dia. O que se aprendeu na véspera muda nosso olhar, permite novas descobertas, coloca novas perguntas, novos enfoques. Como é bom ver nascer a dúvida onde antes existiam certezas...

Os temas na interface e mais além das interfaces não devem ser censurados sob o argumento, muitas vezes apenas de autoridade, do que é ou não é design. Hoje, todas essas interfaces apresentam-se como um campo nebuloso, aberto a pesquisas tecnológicas interdisciplinares.

Por onde começar?

Alega-se que não existem mestrados porque não existem doutores. Mas as incoerências, as políticas e o poder nos cursos de design não priorizam a contratação de doutores, a capacitação dos mestres. A produção acadêmica é frequentemente questionada em nome da "especificidade do design" - design é projeto e não objetiva produzir papel. Mote que norteou políticas e prioridades: muito espaço para oficinas e nenhum para laboratórios de pesquisa; livros com ilustrações, em vez de periódicos; programas de design em vez de linhas de pesquisa. Pode-se retomar a discussão em termos do mesmo bordão, como se faz há mais de um quarto de século. Sua defesa acirrada e sua vitória flagrante resultaram no quadro vergonhoso existente: um único curso de mestrado, até agora, no Brasil, com 50/ 60 cursos, ou mais - como afirmam alguns -, de

graduação em design, todos gerando muitos projetos. Com qualidade?...

Alguns reclamam das instituições de fomento à pesquisa, que não favorecem os designers. As verbas são poucas e vão para os menos específicos, os que não são "diferentes": doutores com linhas de pesquisa e com publicações. São biólogos, físicos, químicos? São. Mas, também, informáticos, engenheiros, arquitetos, comunicadores e artistas. Mais ainda: as dotações relacionam-se às demandas. Por razões já mencionadas, são poucos os projetos de pesquisa enviados pelos designers.

A falta de recursos para pesquisa e as "especificidades" deixam os pesquisadores que tentam pesquisar nos cursos de design à mingua. Faltam periódicos, computadores, programas. Espera-se do bolsista, assim como do pesquisador com dedicação à instituição, que estejam presentes na universidade e, para tal precisam-se mesas, cadeiras e computadores e um local silencioso e confortável. Para conseguir recursos são imprescindíveis os projetos de pesquisa que, preferencialmente, sejam parte de linhas de pesquisa coordenadas por doutores e que gerem publicações - mais uma vez chega-se à questão da titulação e da produção acadêmica.

Os dados apresentados abaixo são gerados a partir da importação Datacapes (dados relativos às produções declaradas pelos docentes que atuaram nos cursos de pós-graduação stricto-sensu) e daqueles oriundos do formulário eletrônico específico para o Banco de Produção Científica da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), relativos à produção declarada pelos docentes da Universidade. Para fins de carga horária pesquisa, as produções declaradas para o BPC99 foram divididas em doze produções chamadas "relevantes" e as demais produções, a saber:

Produções Relevantes: Artigos em Periódicos (Trabalho Completo), Artigos em Periódicos - Resumo, Livros - Texto Integral, Livros - Capítulo, Livros - Coletânea, Trabalho em Anais - Completo, Trabalho em Anais - Resumo, Participação em Bancas Examinadoras (Mestrado e Doutorado), Autoria de Teses de Doutorado, Orientação de Teses de Doutorado, Autoria de Dissertação de Mestrado e Orientação de Dissertação de Mestrado.

Demais Produções: Livros - Verbete, Livros - Traduções, Livros - Outros, Orientação de Monografias de Especialização, Orientação de Monografia de Graduação, Artigos em Revistas, Artigos em Jornais, Participação em Bancas Examinadoras (Concurso Público), Traduções - Artigo, Carta, Mapa, Similar, Desenvolvimento de Aplicativo, Desenvolvimento de Técnica, Desenvolvimento de Material Didático, Desenvolvimento de Produto, Editoria, Maquetes, Organização de Evento, Partitura Musical, Produção/ Apresentação/ Manutenção de Obra Artística, Programa de Rádio e TV (Técnico), Sonoplastia, Obra de Artes Visuais, Composição Musical, Arranjo Musical.

Para se ter produção, faz-se imprescindível desenvolver pesquisas. O que é necessário para desenvolver pesquisas? A capacitação docente, parece óbvio. Qual o principal óbice para a titulação dos professores dos cursos de design? Logo, urge que se criem mestrados e doutorados em design. Uma primeira iniciativa: moções junto às universidades para que se abram concursos e se contratem doutorandos e/ou doutores e se ofereçam aos candidatos condições para desenvolver pesquisas.

Mais uma vez encara-se um problema perigoso. Como pouco se pesquisa e defende-se ferrenhamente a especificidade e a diferença são poucas as reflexões. A voz corrente ainda clama pelo fazer, pelo "botar a mão na massa". Curiosamente esquece-se que este é o pensamento hegemônico que produziu tudo o que se tem na pesquisa e no ensino de design, ou seja, quase nada. Pior ainda, resultou, também, na trágica situação do fazer design – continuamos esperando que nos reconheçam e, mais

atualmente, que compreendam o design como uma estratégia para o sucesso da empresa. Há, então, uma defesa difusa de territórios - isto é e/ou isto não é design. Muitas vezes esquece-se a propalada interdisciplinaridade do design - comunicação não é design, ergonomia não é design. Reservam-se territórios, que acabam por não ser ocupados por falta de temas e docentes com titulação. Retarda-se a criação dos mestrados. Procuram-se os aliados conhecidos - as artes. Reduzem-se as possibilidades de conhecimento.

Como começar?

Se doutores são necessários, cabe mapear por onde andam. Segue-se uma tabela onde aparecem os nomes dos designers/doutores com as instituições em que se doutoraram – pode-se constatar a busca de áreas afins pela inexistência de um Doutorado em Design no Brasil. Tem-se, também, o nome das instituições onde trabalham como docentes.

DOCTOR	DOCTORADO	ONDE TRABALHA ATUALMENTE	Livros Publi - ados
*Alfredo Jefferson de Oliveira	Engenharia de Produção, COPPE/UFRJ	Programa de Mestrado em Design, PUC-Rio	1
*Anamaria de Moraes	Comunicação, ECO/ UFRJ	Programa de Mestrado em Design, PUC-Rio	2
Carla Spinillo	Typography and Communication, Reading University, UK	DI/UFPE	
Dulce Maria Paiva Fernandes	Engenharia de Produção, UFSC	DI UFPR	
*Eduardo Romeiro	Engenharia de Produção, COPPE/UFRJ	Eng. Produção, UFMG	1
Guilherme Cunha Lima	Typography and Graphic Communication, Reading University, UK	ESDI/UERJ	1
*Gustavo Amarante Bomfim	Filosofia, pela Bergische Universität Wuppertal, Alemanha	Programa de Mestrado em Design, PUC -Rio	2
Heloisa Ponzo Dutra	Politécnico de Milano		
*Jairo José Drummond Câmara	Industrial Engineering , École de Mines, Paris	ESAP/UEMG	-
*João Bezerra de Menezes	Arquitetura, FAU/USP	FAU/USP ESDI/UERJ	-
João Gomes Filho	Arquitetura, FAU/USP	FAU/USP FBASP	1
Laura Bezerra Martins	Arquitetura, Universitat Politècnica de Catalunya	DI/UFPE	-
*Lia Buarque de Macedo Guimarães	Industrial Engineering, Toronto University	Engenharia de Produção, UFRGS	-
Luís Cláudio Portugal do Nascimento	Philosophy, New York University	ESDI/UERJ	-
Luis Carlos Velho	Computer Science, Toronto University	IMPA	-
Luiz Eduardo Cid Guimarães	Mechanical Engineering, Aston Birmingham University, UK	DI, UFPB/CG	-
*Luis Vidal Negreiro Gomes	Education, London University, UK	Engenharia de Produção UFSM	5
Luíza Rebello Boueri	Engenharia de Produção, COPPE/UFRJ	UniverCidade	-
Marcelo Márcio Soares	Ergonomics, University of Loughborough	DI, UFPE	1
Márcio Zukin	Engenharia Industrial, PUC-Rio	---	-
Maria Cristina Palmer	Engenharia de Produção COPPE/UFRJ	INT/MIC	
Maria Egle Cordeiro Setti	Engenharia de Produção, COPPE/UFRJ	Engenharia Industrial, PUC-Rio	-
*Mirian Struchiner	Education, USA	UFRJ	-
*Rejane Spitz	Educação, PUC-Rio	Programa de Mestrado em Design, PUC-Rio	-
Ricardo Wagner	Engenharia de Produção, COPPE/UFRJ	EBA/UFRJ	-
*Rita Maria de Souza Couto	Educação, PUC-Rio	Programa de Mestrado em Design, PUC-Rio	1
Roosevelt da Silva Teles	Engenharia de Produção COPPE/UFRJ	EBA/UFRJ	
Solange Coutinho	Typography and Communication, Reading University, UK	DI, UFPE	
Sydney Fernandes de Freitas	Engenharia de Produção, COPPE/UFRJ	Faculdade da Cidade, ESDI/UERJ, PUC-Rio	-
*Vera Lúcia Moreira Nojima	Arquitetura, FAU/USP	Programa de Mestrado em Design, PUC-Rio	-
Washington Dias Lessa	Comunicação e Semiótica PUC/SP	ESDI/UERJ	1

Dentre os designers doutores, que são 31, apenas 11 dão aulas em cursos de mestrado, sendo que 4 lecionam em mestrados de engenharia, 1 em Arquitetura e 1 em Medicina, sobram 5 e todos eles trabalham no mestrado da PUC. Como se pode observar existe uma grande dispersão de doutores no país, que poderiam ser contratados, ou mesmo transferidos de universidade – no caso de federais, por exemplo, para propiciar novos mestrados. Cabe observar que a UFPE conta, atualmente com 4 designers doutores. A ESDI com 4 designers doutores. A UFRJ com 2. A UniverCidade com 2. Certamente, existem mais alguns designer em doutoramento. É importante divulgar esta lista de designer/doutores para que os outros se apresentem, mesmo que seja para dizer “está errado, faltou fulano e beltrano”. Ótimo! Assim conseguiremos nos conhecer melhor!!!

Como começar

Alguns tentaram implementar mestrados com reuniões infundáveis sobre o curso que gostariam de ter, sobre as linhas de pesquisa que consideravam relevantes, sobre as disciplinas a oferecer, sobre regimentos e créditos, etc. Anos se passaram. Muitas coisas se definiram, o prazo por exemplo, 24 meses para realizar o mestrado e 36 para o doutorado, incluindo a defesa da tese.

Quando a CAPES determina que o prazo para a realização de um mestrado é 24 meses têm-se como corolários: seleção e número de créditos. Ao selecionar um candidato este já deve ter um projeto de dissertação bem delineado. Impossível que um candidato que não sabe se vai trabalhar com arte, tecnologia, comunicação, ensino, ergonomia, que tem muitas curiosidades e algumas vagas idéias, consiga cumprir o prazo de 24 meses. Entrar no mestrado para ver como é, cursar as disciplinas para saber qual o seu interesse, conhecer os professores para escolher o seu orientador, isto é do tempo em que se fazia o mestrado em até 4 anos. Hoje a bolsa de mestrado é de 24 meses e a de doutorado de 36 meses.

Como afirma Thiollent [6], em matéria de investigação científica, contrariamente a certa opinião empiricista, pesquisar não consiste apenas em observar as coisas através de instrumentos, mas também exige do pesquisador uma formação intelectual bastante ampla para poder colocar as coisas em perspectiva, perceber ou apreender os aspectos do real de um modo que seja relevante em função de um determinado propósito científico que só pode ser definido à luz de uma teoria. Sem nenhuma concepção a priori, sem intenção, mesmo vagamente definida, não se pode entender nada pela simples observação.

É fundamental, portanto, ter linhas de pesquisa consolidadas (outra exigência da CAPES), com uma produção que os candidatos possam consultar para ajudar no momento de decidir que caminho tomar, que conceitos adotar, que tema escolher, que problema recortar. Quando existem

pesquisas, o próprio desenvolvimento, com seus desdobramentos, aponta novas questões.

Quanto aos créditos, além de algumas disciplinas básicas – uma por semestre – as outras devem se relacionar às linhas de pesquisa. Deste modo, o mestrando ao realizar os créditos estará acumulando conhecimentos sobre o tema de sua dissertação e trabalhando com o seu orientador. Os outros créditos ficam por conta de disciplinas que trabalham questões mais gerais que permitem passar do particular ao geral e vice-versa. O ideal é que no primeiro ano do mestrado o aluno complete todos os créditos, restando para o primeiro semestre do segundo ano apenas a disciplina de acompanhamento da dissertação. O objetivo do mestrado é propiciar que os mestrandos realizem suas primeiras pesquisas e divulguem o processo, seu delineamento, métodos e resultados em congresso científicos e publiquem em periódicos com Conselho Editorial.

Conscientes da importância das linhas de pesquisa que coroam atividades resultantes de projetos de pesquisa realizados e com publicações, cabe enfatizar: UM PROJETO DE MESTRADO COMEÇA REUNINDO OS DOUTORES COM LINHAS DE PESQUISA. Assembléias de professores sem titulação, ou com mestrado ou iniciando um doutorado, para discutir um futuro mestrado idealizado - o “mestrado que a instituição gostaria de ter”-, são iniciativas que só contribuem para confundir em vez de agilizar a criação do mestrado possível, com os doutores que existem e suas Linhas de Pesquisa. De nada adianta se definir uma “maravilhosa” linha de pesquisa sobre os novos materiais para o design de 2010, quando não se tem na instituição um doutor que pesquise sobre o tema. A instituição tem um doutor com um mestrado, um doutorado e pesquisas sobre tipografia? Esta certamente será uma linha de pesquisa. Conforme a CAPES: “Linhas de Pesquisa claramente definidas e coerentemente organizadas de acordo com a temática do curso, estando os projetos de pesquisa articulados às mesmas”.

De acordo com Freitas [7], a produção de conhecimento em Design concentra-se nos últimos 5 anos. Por falta de cultura de pesquisa, muitos professores – alguns com titulação – têm dificuldade em distinguir linha de pesquisa de área de interesse. Para a implementação e consolidação da pesquisa em Design, faz-se necessário saber se as linhas de pesquisa de cada professor/doutor/pesquisador refletem coerência e consistência entre o que publicam, as pesquisas que orientam e os projetos de pesquisa realizados. Compreende-se, portanto, e cabe enfatizar, de novo, a importância da participação em congressos, da divulgação de resultados das pesquisas em andamento, mesmo que sejam resultados parciais, e de publicar em periódicos científicos, em que os artigos são avaliados por um corpo de “referees”.

Algumas sugestões

A partir de Moraes [8] tem-se que:

- Prestigiar a pesquisa nas universidades;
- Apoiar a criação de mestrados e doutorados em design;
- Solicitar ao CNPq que enquanto não existam pelo menos mais três cursos de mestrado em design no Brasil - um no norte/ nordeste (Recife), um em Belo Horizonte ou Brasília, Um na região sul (Paraná) - que se mantenha a possibilidade de concessão de bolsas para mestrados no exterior;
- Solicitar ao CNPq que enfatize o apoio à pesquisa universitária em design, realizada no espaço acadêmico de nível superior, como forma de apoiar grupos emergentes ou consolidar iniciativas pioneiras;
- Solicitar ao CNPq a implementação do Comitê Assessor de Design para a avaliar os projetos da área, formado por doutores com atuação na área de pesquisa;
- Apoiar a Revista Estudos em Design, como espaço para a publicação da produção acadêmica em design, dos designers e sobre design;
- Apoiar o P& D Design - Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design - como espaço para apresentação da produção acadêmica dos designers e de intercâmbio de informações;
- Transformar o P&D Design num Congresso Internacional, com aporte de verbas necessárias para trazer, no mínimo, 6 pesquisadores em design, de diferentes países, para um maior intercâmbio e atualização;
- Valorizar a pesquisa e a produção acadêmicas como forma de inserção do design no cenário da pós-graduação e do fomento à pesquisa;
- Apoiar nas universidades as iniciativas para implantação do espaço adequado - laboratórios e núcleos - de pesquisa;
- Apoiar a obtenção de verbas para a assinatura de periódicos científicos em design e áreas de interface;

- Apoiar a ida dos professores doutores/pesquisadores a congressos científicos no Brasil e no exterior, incentivando-os, ajudando no pagamento de taxas de inscrição e autorizando o afastamento durante os dias do evento;

- Apoiar visitas técnicas de designers/doutores/professores/pesquisadores a Centros de Pesquisa no exterior, que estejam na vanguarda da investigação em design;

- Difundir os conceitos da pesquisa científica, assim como seus métodos e técnicas e incentivar a pesquisa de design e suas interfaces apoiando os pesquisadores em suas iniciativas e desdobramentos.

Referências bibliográficas

- Hales, Vrispin *Design Research Newsletter*, Staffordshire, UK, May 1999 1.
- Cervo, A. L. and Bervian, P. A *Metodologia Científica*, Makron, São Paulo, 1996
- Lakatos, Eva Maria e Marconi, Marina de Andrade *Fundamentos de Metodologia Científica*, Atlas, São Paulo, 1991
- Chapanis, Alphonse *Research Techniques in Human Engineering*, Johns Hopkins, Baltimore, 1962
- Cardoso, Ciro Flamarion S, *Uma Introdução à História*, Brasiliense, São Paulo, 1981
- Thiollent, Michel *Problemas de Metodologia* in: Fleury, A. C.; Vargas, in. (Orgs.) *Organização do Trabalho*, Atlas, São Paulo, 1983
- Freitas, Sydney Fernandes *A influência de Tradições Acríticas no Processo de Estruturação do Ensino/Pesquisa de Design*, COPPE/UFRJ, Rio de Janeiro, 1999
- Moraes, Anamaria de *Algumas Estratégias para a Implementação da Pesquisa em Design, Considerando sua Importância para a Consolidação do Ensino de Design in Forum de Dirigentes*, Revista Estudos em Design, Estudos em Design, Rio de Janeiro, 1997, 51 – 73